

MARIA LARA ALVES ROCHA

**O CORPO DE UMA FANTASIA  
UM ESTUDO SOBRE A DULCINEIA NELIDIANA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras/Língua Portuguesa.

Orientadora: Ma. Annie Tarsis Morais Figueiredo

R672c Rocha, Maria Lara Alves

O corpo de uma fantasia: um estudo sobre a Dulcineia nelidiana. / Maria Lara Alves Rocha. - Patu/RN, 2018.  
44p.

Orientador(a): Profa. M<sup>a</sup>. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

Monografia (Graduação em Letras (Habitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Dulcineia. 2. Intertextualidade crítica. 3. Potência feminina. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

MARIA LARA ALVES ROCHA

**O CORPO DE UMA FANTASIA**  
**UM ESTUDO SOBRE A DULCINEIA NELIDIANA**

Monografia apresentada à Universidade  
do Estado do Rio Grande do Norte –  
UERN – como requisito obrigatório para  
obtenção do título de Licenciado em  
Letras/Língua Portuguesa

Aprovado em \_\_\_\_ /12 /2018

BANCA EXAMINADORA

---

Annie Tarsis Morais Figueiredo – UERN  
Orientadora

---

Beatriz Pazini Ferreira – UERN  
Examinadora 1

---

Francisca Laila Ribeiro Pinto – UERN  
Examinadora 2

Ao meu avô Luiz (*in memoriam*), a parte mais linda que eu conheci da vida. Você é minha luz.

E à minha avó Rita Maria, meu aconchego e refúgio de sempre!

Vocês são a força e o amor que me mantém de pé.

## AGRADECIMENTOS

Primeira e principalmente, quero agradecer ao meu bom Deus por ter me mostrado um caminho tão maravilhoso quando eu achei que não tinha chances, me encontrava sem esperanças e não acreditava em mim mesma. Sei que não trilhei esse caminho em vão e que muitos são os seus propósitos em minha vida a partir daqui. Somente o Senhor é conhecedor das minhas turbulências interiores, do quanto foi difícil em alguns momentos e sou grata por sempre poder sentir a sua presença ao meu lado, sem nunca me abandonar, protegendo e me acolhendo. Sinto sempre sua mão a me guiar. Não sei se sou digna de tanto amor e cuidado. Obrigada, Senhor, por me mostrar que tudo acontece em seu tempo. Que sempre seja feita a sua vontade. Sem Ti não teria chegado a lugar nenhum!

Agradeço ao meu avô Luiz por ter me mostrado as coisas boas da vida, o amor verdadeiro e profundo. Ao seu lado vivi os melhores oito anos da minha vida. Tudo o que eu sou e o que eu faço é por você e para você. Foi difícil continuar a vida sem ti, mas eu vou conseguindo, sempre com a sua presença em meus pensamentos. “Aqueles que nos amam nunca nos deixam de verdade”. Saudades do seu colo e do seu cheiro, meu Vovô. Agradeço à Vovó Rita, por ter me aninhado em dias difíceis e por sempre estar comigo. Eu amo vocês mais que tudo!

Agradeço aos meus pais pela vida, pela força e por sempre mostrar, a mim e aos meus irmãos, que o estudo é essencial à vida humana, que nenhuma batalha é fácil e que precisamos correr atrás dos nossos sonhos para vencermos na vida. Obrigada pela resistência, pela coragem e pelo entusiasmo. Amo vocês!

Não poderia deixar de agradecer ao meu pequeno/grande, Luiz André, o irmão que Deus me deu para eu amar, cuidar e chamar de filho. Com seu jeitinho, suas palavras me confortam. Obrigada por achar, com o que ainda lhe resta da sua inocência infantil, que eu sou a pessoa mais inteligente do mundo. Palavras não descrevem o meu amor por você. Agradeço também à Larícia, por acreditar em mim e me incentivar nessa trajetória. Obrigada, minha irmã.

À minha família, agradeço em nome de tia Leomarcia, pelo apoio, incentivo e pela torcida de sempre. Sei que minhas vitórias também são de vocês. Obrigada por cada palavra motivadora.

Ao meu amor, Kássio. Obrigada por estar sempre comigo, ao meu lado em cada decisão. Obrigada por enxergar em mim uma força que eu mesma não conheço, por acreditar

que eu tenho potencial e por sempre me incentivar. Você é fundamental em minha vida. Te amo!

Também não poderia deixar de agradecer a minha Fia Godeiro, o ser de luz que Deus colocou em meu caminho através da faculdade. Obrigada por ser o meu melhor presente da universidade, obrigada pelo ombro amigo e por sempre estar disponível para me ouvir e saber dizer tudo o que eu sempre precisei. “Às vezes o dom de alguém é cuidar de outra pessoa” e é isto que te faz especial para todos. Te amo demais!

Em nome de Michael Medeiros, Wellerson Batista, Magnólia Maia e Suely Estebam, agradeço aos meus colegas de sala por termos estabelecido fortes laços de amizade e companheirismo. Levarei cada um, de maneira especial, para sempre em minha vida. Obrigada!

Agradeço também, em nome de Serafim, secretário do Departamento de Letras e Genival, prefeito do *Campus*, a todos os funcionários do CAP / UERN pela disponibilidade em nos ajudar sempre que necessário. Obrigada pelos sorrisos e pelo comprometimento com todos nós. Jamais me esquecerei de vocês!

À Gislaíne Rodrigues, por nos socorrer com os incontáveis materiais de estudo para cópia. Obrigada pelos momentos em que, mesmo não podendo, nos ajudou. O nosso “grupinho” lhe considera muito especial.

De todo o meu coração, quero agradecer também aos meus professores de toda a minha jornada estudantil. E, de modo especial, aos meus professores da graduação, nos quais eu não poderia deixar de citar Ananias Silva, Larissa Viana, Francisco Vieira e Gorete Torres, vocês consolidaram o pilar de grandes mestres que passaram pela minha vida e são responsáveis pelo amor que eu adquiri pelo meu curso. São em vocês que eu me espelho para que um dia eu possa ser uma professora de qualidade. Todos têm a minha completa admiração.

Aproveito também a oportunidade para agradecer às professoras Francisca Lailsa Ribeiro Pinto e Beatriz Pazini Ferreira por aceitarem o convite para compor a banca para minha defesa. Obrigada pelas contribuições ao longo da minha trajetória na acadêmica e, em especial, nesse momento de grande importância na minha vida. Vocês são especiais!

Por fim, mas não menos importante, agradeço à Annie Figueiredo, minha professora e orientadora. No primeiro dia que te vi logo soube que nos daríamos bem. Obrigada por cativar ainda mais o meu amor pela literatura, por me encaminhar tão bem nessa batalha, por ser tão paciente comigo e por me ajudar nas minhas crises de ansiedade. Suas palavras são doces e seu jeito é tão especial que chego a pensar que você é um anjo, o ser mais delicado que Deus

enviou à Terra para cumprir uma boa missão. “Pessoas gentis conseguem se instalar dentro de mim e criar raízes”. Você é um grande exemplo para mim, te admiro e te adoro. Palavras jamais poderão expressar a minha gratidão. Amo você!

*Quero encontrar  
A rosa dos ventos  
E me guiar.  
Eu quero virar  
Pássaro de prata  
E só voar.  
É...  
Aqui onde estou  
Esta é minha estrada  
Por onde eu vou.  
E quando eu cansar  
Na linha do horizonte  
Eu vou pousar.*

*Azimuth, Linha do Horizonte.*



## RESUMO

Este trabalho visa analisar a Dulcineia nelidiana a partir da noção de *intertextualidade crítica*, tratando-se de compreender o modo como Nélide Piñon ressignifica a personagem feminina canônica tornando-a contemporânea, através de uma recriação ativa da narrativa de Miguel de Cervantes, *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha* (1605). O nosso objeto de análise é o conto “Dulcineia” do livro *A camisa do marido* (2014), escrito pela escritora contemporânea brasileira Nélide Piñon, no qual ela recria e atualiza a narrativa cervantina quando permite ao cavaleiro encontrar o corpo feminino real para concretizar a sua paixão ideal por Dulcineia e vivenciar a realidade de seus sentimentos. Olhamos para o texto nelidiano buscando o estudo hermenêutico, cujo enfoque recai sobre a construção da personagem. Assim, através de Dulcineia temas singulares são abordados, como a subjetividade da potência feminina aparece na narrativa curta através dos mecanismos de ficção adotados por Piñon ao fazer de Maritornes uma nova mulher, que escolhe assumir a identidade de Dulcineia, configurando-se o corpo da fantasia de Dom Quixote. Realçando a força e as vontades da personagem sobre si mesma, capaz de se libertar de uma vida amarga para viver a fantasia do mundo de Dom Quixote e Sancho Pança, Piñon devolve a Maritornes a autonomia. Nesse sentido, nossa fundamentação teórica é composta pelos estudos de Schutz (1983) sobre a realidade em *Dom Quixote*; de Leyla Perrone Moisés (1979), para pensarmos o conceito de *intertextualidade crítica*; do ensaio de Giorgio Agamben (2009) que trata sobre a noção de contemporâneo e a partir do estudo de Peter Pál Pelbart (2003) sobre a potência de agir. Esperamos, com este trabalho, influenciar e possibilitar novas pesquisas nesta área, que tratem a potência feminina em toda a sua força e subjetividade, mostrando a mulher como dona de si mesma e de suas vontades, assim como também, desejamos instigar trabalhos que tratem da escrita de Nélide Piñon em todas as suas particularidades de escrita que tornam as suas obras inconfundíveis.

**Palavras-chave:** Dulcineia. Intertextualidade crítica. Potência feminina. Nélide Piñon. Dom Quixote.

## ABSTRACT

This work aims to analyze Dulcineia Nelidiana from the notion of *critical intertextuality*, trying to understand how Nélide Piñon re-signifies the female canonical character making it contemporary through an active re-creation of the narrative by Miguel de Cervantes, *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha* (1605). Our subject of analysis is the Dulcineia's tale of the book *A camisa do marido (The husband's shirt)* (2014), written by the contemporary brazilian writer Nélide Piñon, in which she recreates and updates the cervantine narrative when she allows the knight to find the real female body to concretize her ideal passion for Dulcineia and experiencing the reality of her feelings. We look at the Nelidian text seeking the hermeneutic study, whose focus falls on the construction of the character. Thus, through Dulcineia, singular themes are approached, as the subjectivity of female power appears in the short narrative through the mechanisms of fiction adopted by Piñon in making Maritornes a new woman, who chooses to assume the identity of Dulcineia, configuring the body of the fantasy of Don Quixote. Highlighting the strength and will of the character about herself, able to break free from a bitter life to live the fantasy of the world of Don Quixote and Sancho Panza, Piñon gives Martitornes the autonomy. In this sense, our theoretical company is composed by the studies of Schutz (1983) about the reality in Don Quixote; of Leyla Perrone Moisés (1979), to think about the concept of *critical intertextuality*; of the essay by Giorgio Agamben (2009) that deals with the notion of the contemporary and from the study of Peter Pál Pelbart (2003) over the power to act. We hope that with this work we influence and make possible new researches in this area, that treat the female power in all its force and subjectivity, showing the woman as owner of herself and her wishes just like we wish to instigate works that deal with the one written by Nélide Piñon in all its peculiarities of writing that make his works unmistakable.

**Keywords:** Dulcineia. Critical intertextuality. Female power. Nélide Piñon. Dom Quixote.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 1 – A INCIPIENTE MANIFESTAÇÃO DE UMA LOUCURA</b> .....	14
<b>1.1 Um ideal intransferível</b> .....	15
<b>1.2 A ilusão em detrimento da realidade</b> .....	24
<b>2.1 Uma mulher concebida pela imaginação</b> .....	29
<b>2.2 Um sentimento que carecia de ossos e medula</b> .....	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	43

## INTRODUÇÃO

A pesquisa se desenvolve a partir de estudos sobre a Dulcineia nelidiana em virtude da pouca visibilidade dada a Maritornes – posteriormente nomeada Dulcineia pela autora –, n’*O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha* (1605), de Miguel de Cervantes. O foco é na recuperação dessa personagem pela escritora brasileira contemporânea Nélide Piñon através do conto “Dulcineia” presente no livro *A camisa do marido* (2014), um livro que reúne nove contos em seu momento de grande apogeu narrativo, através de sua escrita pungente e alusiva que fala sobre as relações familiares em meio às sombras do convívio em cada lar. Narrado em terceira pessoa, sob a ótica de Sancho Pança, o conto “Dulcineia” fala sobre a humildade da jovem Maritornes que não consegue entender os devaneios de Dom Quixote quando a faz de “uma fantasia desprovida de corpo”<sup>1</sup>, em outras palavras, quando este insiste em fazer dela uma mulher que não é, ao chamá-la pelo nome Dulcineia.

Assim, parti-se da seguinte inquietação, seguindo a operação da *intertextualidade crítica*, o modo como Nélide Piñon ressignifica a personagem feminina Dulcineia a partir de uma obra canônica, vislumbra-se a maneira como irrompe na narrativa a recriação da personagem cervantiana, constituindo-se uma releitura singular do clássico. O objetivo geral desta monografia é realizar uma análise da Dulcineia nelidiana, numa busca por compreender a importância da ressignificação do feminino a partir das estruturas do cânone literário, como sugere a noção da *intertextualidade crítica*.

Através da atualização da personagem Dulcineia, coteja-se temas singulares como a potência feminina no percurso do fidalgo, compreendendo os mecanismos ficcionais utilizados pela escritora ao atribuir autonomia a Maritornes. Valoriza-se a abertura realizada por Nélide Piñon, debruçando-se sobre a singular e triste figura Dulcineia, buscando compreender a subjetivação em suas ações e vontades anteriormente desprezadas. E, ainda, permitindo pensar acerca da política de escrita nelidiana ao problematizar as mulheres reais e ideais da escrita cervantina.

Nélide Piñon é uma escritora brasileira da contemporaneidade. Foi eleita a primeira mulher presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL) quando a entidade completava o seu centenário, em 1996. Desde criança, recebeu grande estímulo para leitura e logo começou a escrever pequenas histórias que vendia para os familiares. Ganhando inúmeros prêmios em de reconhecimento de sua literatura, como, por exemplo, o Prêmio Camões, Piñon se consagra

---

<sup>1</sup> PIÑON, 2014, p. 68.

como uma escritora brasileira moderna e inovadora, pois a sua escrita parte de temas e personagens valorosos, de grande influência literária, como é o caso de Dom Quixote, Sancho Pança e Dulcineia.

A autora lança um olhar contemporâneo sobre alguns aspectos da literatura canônica e realiza releituras propositais dos personagens importantes, principalmente mulheres, como forma de criar uma nova perspectiva, valorizando traços da potência feminina marcada pela subjetivação de sua força e vontades no contexto em que são inseridas, não deixando para as mulheres de suas obras o lugar comum.

Hoje em dia, Nélide Piñon ainda é pouco estudada. Talvez o modo audaz como escreve, resgatando personagens de obras canônicas e inserido em uma nova experiência, cause receio em alguns leitores. A narrativa curta de sua autoria que analisamos, não apresenta nenhum estudo já realizado, por isso, desenvolvemos uma análise hermenêutica, como forma de interpretar o texto literário e compreender a maneira como Nélide realiza uma desleitura proposital do Cavaleiro da Triste Figura e da sua amada Dulcineia, ao reproduzir recriando uma cena da obra de Cervantes enfatizando a potência feminina contida em Maritornes ao aceitar se tornar o corpo da fantasia de Dom Quixote.

Nélide Piñon, primeira mulher a presidir a Academia Brasileira de Letras (em 1996), apresenta uma escrita que recebe influência literária de temas e personagens valorosos, como é o caso de *Dom Quixote*, *Mil e uma noites*, *Odisseia*, *Os Lusíadas* e etc. A partir dessa influência a autora brasileira atualiza alguns aspectos da literatura clássica e realiza uma espécie de desleitura<sup>2</sup>, de leitura a contrapelo, de personagens importantes como forma de criar uma nova perspectiva através da sua paixão pela escrita que transcende o plano do papel e se desloca como uma força para o real e mais, para o tempo presente.

Tendo em vista as características citadas sobre a criação ficcional da autora, a análise se pautará na *intertextualidade crítica* como procedimento central da escrita nelidiana, residindo nesse mecanismo a abertura para se estudar sua Dulcineia. Dessa forma, Piñon se consolida como uma das grandes representantes da literatura brasileira, pela forma como reflete sobre a mulher enquanto sujeito de sua história em contextos social, político e cultural complicados.

Trata-se de um tema relevante para pesquisa pelo fato de apresentar as possíveis subjetividades de uma escrita feminina contemporânea de grande valia, porém pouco

---

<sup>2</sup> Desleitura, ler a contrapelo, releitura, recriação, ressignificação e etc. são todos termos sinônimos que aqui apontam para uma atualização do olhar sobre um texto canônico e ainda, sobre as leituras realizadas sobre tais textos. Em outras palavras, são perspectivas de leituras críticas que têm como pauta as nuances que ainda estavam interditas, mas que se tornam necessárias as aberturas e análises no contemporâneo.

vislumbrada. Nélida Piñon busca mostrar a força feminina em suas obras através de personagens já existentes em obras literárias consagradas como uma forma de atribuir-lhes perfis de comportamento e conduta diferentes à história primeira, através de uma revisão crítica que esmiunça o poder e a força da mulher em determinadas situações, fugindo do silenciamento e da invisibilidade recorrentes.

A autora potencializa a figura feminina de Dulcineia dando à personagem a força de suas vontades e liberdade, escolhe-se analisar, não mais o feminino somente dentro de um lugar comum que foca apenas a invisibilidade, no silenciamento da mulher na sociedade, mas como Maritornes, na obra nelidiana, se torna dona de sua história ao se transformar na Dulcineia de Dom Quixote, o enfoque é, portanto na resistência. Através da *intertextualidade crítica*, ou seja, da ressignificação, mostraremos como o feminino, através da personificação da fantasia de Dulcineia, se torna uma potência no percurso do fidalgo ao aceitar embarcar nas suas aventuras e vivenciá-las junto a ele e seu escudeiro Sancho Pança, deixando para trás todo o sofrimento vivido até então.

Desse modo, dialoga-se com ideais femininos, mas não por meio de discursos quase esvaziados que parte do lugar comum na academia<sup>3</sup>, constrói-se o caminho de análise tendo em vista a particularidade na recriação, ressignificação nelidiana ao escrever novos modos de vida para Dulcineia. Com essa pesquisa busca-se contribuir para os estudos de obras escritas por mulheres, principalmente, na literatura brasileira, como é o caso específico de Nélida Piñon e vislumbrando a característica de sua escrita e da maneira como ela ressignifica o feminino quando escreve, moldando uma nova realidade para as suas personagens oriundas do cânone literário.

Olha-se para a *intertextualidade crítica* da personagem feminina adentrando a vertente contista da autora em “Dulcineia”, presente em seu livro *A camisa do marido* (2014), com o auxílio do seu olhar ensaístico presente em “Dulcinea – a agonia do feminino”, publicado em seu livro *Aprendiz de Homero* (2008), a fim de estabelecer uma visão crítica e anticanônica de Dulcineia, tendo em vista a política da escrita nelidiana: a de representar sutilmente mulheres potentes, cheias de vontade e liberdade.

Trata-se de uma pesquisa em fontes bibliográficas pautada, principalmente, no conceito de *intertextualidade crítica*, de Leila Perrone-Moisés, como meio de entender como

---

<sup>3</sup> Acredita-se que a circularidade de discursos e produções de saberes em torno do silenciamento, da invisibilização, da repressão da mulher teve e tem um papel importantíssimo nos estudos literários, porém em alguns momentos têm se tornado chaves de leituras prontas que algumas vezes acabam por esvaziar a compreensão da amplitude e multiplicidade da produção literária feita por mulheres e sobre mulheres. Parti-se da ideia de que há invisibilização e silenciamento, sem desprezarmos isto, mas focando principalmente nas linhas de força, nas linhas de fuga, no avesso da condição feminina presente no conto.

Nélida Piñon realiza a desleitura e ressignificação<sup>4</sup> de Maritornes (Dulcineia) em seu conto “Dulcineia”. É também uma pesquisa qualitativa, porque busca percepções e análises acerca da personagem feminina presente na narrativa, através da subjetivação presente no texto que transforma uma jovem, ordinária e simples da taberna numa mulher cheia de força e de vontades, dona do seu destino.

O aporte teórico não focará na autoria feminina, ele se fundamentará, principalmente, na leitura a contrapelo (termo de Walter Benjamin) da literatura clássica, focando nos discursos subalternizados e desvalorizados em meio a um campo literário já sedimentado. Pretende-se muito mais perceber as linhas de força que sustentam a escrita do conto “Dulcineia” como ação política da escrita de Nélida Piñon.

Para isso, baseia-se na noção de *contemporâneo*, de Giorgio Agamben (2009) e, na presentificação crítica dos textos do passado. Utiliza-se o procedimento ficcional à luz de Leyla Perrone-Moisés, a saber, a *intertextualidade crítica*. Após olharmos para essas técnicas de configuração do texto de Nélida partimos para a análise da personagem Dulcineia. A análise focou no modo como Maritornes, personagem figurante, muitas vezes, desprezada, está revolvida em uma força que representa a luta feminina em se fazer escutar e reparar as vontades e liberdades de se expressar e agir ao se tornar o corpo de Dulcineia, uma fantasia para Dom Quixote.

Assim, o trabalho se constituiu através da divisão em dois capítulos. No primeiro, contextualizamos a obra *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes a partir da visão que a narrativa traz da personagem Dulcineia enquanto um devaneio amoroso criado pelo cavaleiro Dom Quixote. Ainda neste capítulo, enfatiza-se os motivos que levaram Nélida Piñon a escrever sobre esta obra, de forma a recriá-la segundo concepções contemporâneas e a maneira como ela constrói a sua versão de Dulcineia. Já no segundo capítulo, analisa-se mais profundamente a personagem feminina fundamentada nas noções de releitura, *intertextualidade crítica* e de tornar a escrita contemporânea ao proporcionar a Dom Quixote a oportunidade de viver ao lado e, não mais idealizada, Dulcineia, tendo encontrado o corpo que faltava para concretizar a sua fantasia. O corpo que se coloca conscientemente em seu caminho e aceita a identidade imaginada por outro. Afinal de contas, é a taberneira Maritornes quem escolhe um novo destino para si e para o fidalgo.

---

<sup>4</sup> Nélida Piñon recria a obra cervantina de modo a proporcionar à personagem Maritornes uma nova configuração a partir do cânone, permitindo a produção de novos significados e sentidos.

## CAPÍTULO 1 – A INCIPIENTE MANIFESTAÇÃO DE UMA LOUCURA<sup>5</sup>

Neste capítulo, volta-se às engenhosidades do fidalgo de La Mancha, considerando sua narrativa como pré-texto de nossa análise, a partir de uma leitura inicial para, posteriormente, adentrarmos no texto de Nélida Piñon. Assim, faz-se necessário desenvolver uma rápida análise da obra cervantina em detrimento do texto de Nélida para que o diálogo aconteça de maneira profícua. Uma nova leitura contemporânea, aqui como noção de recriação e atualização, não torna menos importante e não é capaz de apagar os sentidos do texto primeiro. Portanto, para analisar a maneira como Nélida Piñon reconta as aventuras amorosas do cavaleiro andante, em busca da realidade dos seus sentimentos, é primordial que enfatize esta visão a partir da leitura da obra primária, *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*, considerada aqui como o cânone que propicia esta releitura. Pensa-se a noção de obra canônica a partir de Bloom (2001) como um texto que supera a mortalidade e persiste na memória de seus leitores ao longo do tempo. Assim, o termo de origem religiosa, “tornou-se uma escolha entre textos que lutam uns com os outros pela sobrevivência”<sup>6</sup> e esta escolha pode partir de diversas esferas, seja social, educacional ou crítica. Dessa forma, para uma obra ser considerada canônica ela precisa, necessariamente, possuir uma originalidade literária que a diferencie das demais.

Publicado pela primeira vez em 1605, *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*, do escritor espanhol Miguel de Cervantes é considerado o marco inicial do romance moderno. Esta obra ficou conhecida como uma das mais importantes narrativas a qual trata das cômicas e emblemáticas histórias do cavaleiro sonhador com o seu desejo de “mudar o mundo e que amou incondicionalmente sua dama inigualável, Dulcineia d’El Toboso”<sup>7</sup> e que enlouqueceu de tanto ler histórias de cavalarias, decidindo se tornar um engenhoso cavaleiro andante e sair de sua propriedade em busca de aventuras. O seu marco na história literária ao iniciar a escrita do gênero romance foi colocada por Barbosa (2007) como uma espécie de transição, pois:

A obra foi considerada como a destruidora de um velho gênero, ou melhor, como a paródia das novelas de cavalaria, rebaixando burlescamente a seriedade dos cavaleiros andantes [...] A partir do século XIX, a obra passou

---

<sup>5</sup> PIÑON, 2008, p. 15. Todos os títulos desta pesquisa são nomeados a partir das obras que foram utilizadas como objeto para nossa análise, o conto “Dulcineia” e o ensaio *Dulcineia - a agonia do feminino*, ambos escritos por Nélida Piñon.

<sup>6</sup> BLOOM, 2001, p. 27.

<sup>7</sup> VIEIRA, 2017 *apud* CERVANTES, 2017, p. 12.



a ser considerada como algo que vai muito além da sátira e, em lugar de se deter sobre os gêneros do passado, passou a ser destacada sua enorme capacidade de criação de um gênero novo – o romance (BARBOSA, 2007, p. 158).

Isso ocorreu porque o homem se constituiu na história através do gênero épico, que narrava os grandes feitos heroicos de seus guerreiros. O romance, através d'*O engenheiro fidalgo Dom Quixote de La Mancha*, surge como uma epopeia contemporânea que define o homem e a sociedade moderna, estando esta obra situada de maneira muito importante na transformação do gênero épico e na consagração do romance como o novo gênero literário da burguesia.

Em pouco tempo de sua publicação, a maneira atrapalhada do fidalgo e sua pouca habilidade para se tornar um verdadeiro cavaleiro, implicou um tom cômico e satírico à narrativa, além dos motivos aflorados pela leitura que o levaram a querer seguir a vida andante, como se rebaixasse os grandes feitos realizados pelos reais cavaleiros do passado, embora essa não fosse a autêntica e nem a única intensão da obra. Assim, com o passar dos anos e com o desenvolvimento de novas visões de estudos, a narrativa do fidalgo de La Mancha deixa de ser vista apenas como leitura satírica das novelas de cavalarias e de outros gêneros literários do passado, recebendo um novo olhar, valorizando a sua inclinação para a criação do gênero até então novo, o romance.

### 1.1 Um ideal intransferível<sup>8</sup>

Ao adentrar profundamente a obra cervantina, somos capazes de perceber que não há apenas loucura e comicidade em sua narrativa, visto como “essencialmente a abordagem romântica optou pela ideia de que seria uma pista falsa considerar Quixote como puro divertimento, ou mesmo como algo escrito unicamente para ridicularizar os livros da cavalaria”<sup>9</sup>. Dessa forma, não há como se prender apenas ao lado engraçado e atrapalhado do cavaleiro e do seu escudeiro, ou mesmo pensar que Dom Quixote deseja menosprezar a história das novelas de cavalaria e de seus cavaleiros com a sua aspiração desajeitada de se tornar um nobre e valente cavaleiro, pois a todo tempo o fidalgo engrandece as histórias

---

<sup>8</sup> PIÑON, 2008, p. 17.

<sup>9</sup> VIEIRA, 2017 *apud* CERVANTES, 2017, p. 28.

contidas nos livros que leu e tem orgulho em falar dos grandes feitos realizado pelos cavaleiros do passado.

Por isso, não é comum encontrarmos uma obra com a dimensão de Dom Quixote. A originalidade e o modo emblemático como Cervantes tratou em sua narrativa a loucura do fidalgo que perdeu o juízo depois de tanto ler e que sonhou em se tornar um grande cavaleiro andante semelhante aos de suas leituras, criando seu próprio mundo à sua maneira e a atemporalidade do texto que já perpassa mais de quatro séculos, são propriedades absolutas para ascensão da obra à definição de cânone. Como método de comprovação, Bloom (2001) afirma que existe “um antigo teste para o canônico [...] ferozmente válido: se não existe releitura, a obra não se qualifica”<sup>10</sup>. E *O engenhoso Dom Quixote de La Mancha* já foi premissa para inúmeras releituras e adaptações ao longo de todos os anos de sua existência, como podemos destacar aqui o nosso objeto de análise já citado, a recriação realizada por Nélide Piñon em seu conto “Dulcinea”, sobre o qual nos debruçaremos mais adiante.

Por conseguinte, a história de Dom Quixote perpassa por momentos simbólicos, conflituosos, cheios de tristeza e reflexão, levando o leitor a pensar sobre a loucura do cavaleiro e acima de tudo a sua muita lucidez e coragem para viver os sonhos de uma vida, pois acaba mostrando o absurdo que é a existência. Há sempre o duplo loucura/lucidez numa magia a envolver o leitor, fazendo-nos refletir até que ponto Dom Quixote pode ser considerado um homem sem razão, quando nos deparamos com momentos de grande lucidez ao refletir sobre alguns aspectos da vida. Além do sentido trágico, porém corajoso, presente em suas ações em constantes adversidades na tentativa de transformar o mundo, sem conseguir resultados relevantes.

Segundo Vieira *apud* Cervantes (2017), atribuir apenas a ideia de loucura ao fidalgo seria o mesmo que aprisioná-lo em uma única ideia fixa. Entretanto, conseguimos compreende-se que Dom Quixote possui uma imensa essência idealista da vida e do mundo. Sendo assim, a loucura apresenta o ideal de grandes valores e princípios humanos como a justiça, verdade, fidelidade e solidariedade que ele defende como ética da cavalaria andante e que deve e pretende proclamar como leis essenciais dos seus caminhos.

Deste modo, até os seus cinquenta anos, o fidalgo Alonso Quijano viveu cercado por grandes textos literários, sobretudo os que tratavam de novelas de cavalaria, “o que o levou a se descuidar da propriedade, dos bens e do exercício da caça. Passava noites e dias mergulhado em livros”<sup>11</sup> e foi assim que de tão pouco dormir e de muito ler, sem parar para

---

<sup>10</sup> BLOOM, 2001, p. 37.

<sup>11</sup> VIEIRA, 2017 *apud* CERVANTES, 2017, p. 14.

descansar, “lhe secaram os miolos, de modo que veio a perder o juízo”<sup>12</sup>. Com isto, o personagem adquire um tipo de loucura até então muito rara, ocasionada pelas inúmeras leituras de novelas de cavalaria.

Com influência de suas leituras, Alonso Quijano vai desenhando uma nova vida para si, diferente de tudo o que viveu e o engenhoso fidalgo decide se transformar em Dom Quixote de La Mancha, tornando-se disposto a viver “seu mundo particular de fantasia, que, para ele, é extremamente significativo, mas que representa para seus semelhantes um mundo de loucura”<sup>13</sup>. A partir deste momento, o mais novo cavaleiro peregrino deixa tudo o que possui: propriedades e família. Esta última de todas as formas tentou convencê-lo do contrário, mas não obteve êxito e ele então sai pelo mundo à procura de aventuras semelhantes aos cavaleiros andantes, conhecidos através das histórias que leu.

Após preparar todos os detalhes de sua partida, já tendo limpado a sua armadura e batizado seu rocim, no momento de sair por aí e seguir sua viagem como um bom cavaleiro andante, Dom Quixote percebe a necessidade de ter uma dama por quem se enamorar, “pois um cavaleiro andante sem amores era árvore sem folhas e sem fruto e corpo sem alma”<sup>14</sup>, e à quem pudesse enviar as suas vitórias em aventuras como forma de conceber a sua grandeza nas batalhas. Há semelhança no modo como Dom Quixote enaltece a necessidade de uma mulher para amar como ocorria ao amor cortesão, relacionado ao código moral dos cavaleiros medievais, referente às atitudes da sociedade europeia que buscava maneiras de enaltecer o amor, o que acabou refletindo na literatura medieval.

O amor ideal do medievo, segundo Le Goff (2006), se dava, assim, como o culto à mulher nas artes, nas cantigas trovadorescas e nas novelas de cavalaria, como forma de subjugar corpos e mentes femininos no real. O amor de Dom Quixote por Dulcineia é considerado como cortês tendo em vista as similaridades de conduta do fidalgo em relação ao sentimento que ele nutria por sua dama, pois pressupunha esta concepção de amor afável, sendo o enamorado totalmente submisso à sua dama, na qual, estando distante, consentia ao enamorado a profunda admiração de suas perfeições morais e físicas. Nesses casos, o amor é considerado um estado de graça para quem o sente, permitindo-o comunicar-se com sua dama de maneira suplicante e amorosa, mesmo esta sendo inatingível. Isso explica o porquê, mesmo sendo um romance moderno, as aventuras de Dom Quixote ainda apresentarem traços da subjetividade medieval, representando uma escrita de transição crítica.

---

<sup>12</sup> CERVANTES, 2017, p. 70

<sup>13</sup> SCHUTZ, 1983, p. 756.

<sup>14</sup> CERVANTES, 2017, p. 74.

Grande foi o seu contentamento ao achar quem iria se tornar a sua dama e a sua satisfação ao lembrar-se de uma lavradora, por quem esteve um tempo enamorado, mesmo que esta não soubesse de tal acontecido. Decidiu que ela seria a senhora de seus pensamentos e que deveria ser chamada por Dulcineia d'El Toboso:

Num lugarejo próximo do seu havia uma moça lavradora de muito bom parecer, de quem ele andara enamorado algum tempo (ainda que, segundo se entende, ela nunca o tivesse sabido ou suspeitado). Chamava-se Aldonza Lorenzo, e a ela houve ele por bem dar o título de senhora dos seus pensamentos; e procurando-lhe um nome que não destoasse muito do seu e que soasse e tendesse ao de princesa e grande senhora, veio a chamá-la “Dulcineia d'El Toboso” por ser ela natural de El Toboso: nome, a seu parecer, músico, peregrino e significativo, como todos os outros que a si e às suas coisas tinha dado (CERVANTES, 2017, p. 75).

Aldonza Lorenzo foi a escolhida por Dom Quixote para ser a sua senhora, uma lavradora de sua redondeza, que tinha boa aparência, era delicada e virtuosa, segundo os seus olhos já apaixonados. Começa o romance fantasioso de Dom Quixote, ao idealizar a sua dama, com a qual nunca teve efetivo contato, sem a ver de perto e sem terem trocado qualquer palavras em um simples diálogo. Contudo, o futuro cavaleiro andante fez dela a mulher mais bela de todas, dona de uma perfeição e comportamento inexistentes em qualquer outra mulher real. Atribuiu-a, de imediato, o título de “senhora dos seus pensamentos”, de maneira que ela nunca se distanciasse dele e que estivesse sempre consigo, ou seja, embora não estivesse fisicamente, Dulcineia estaria presente através de seus pensamentos em todos os momentos de sua andança.

Seus nomes precisavam combinar, não podiam destoar um do outro e, para isso, ela deveria ter um nome semelhante ao de uma princesa e digno de uma grande senhora. É, assim, que surge Dulcineia d'El Toboso. Achou Dom Quixote que o nome que escolheu souu musicalizado e significativo como tudo que ele nomeou ao seu redor nessa nova vida que seguiria. A ela, passou a destinar todos os seus feitos e sucessos, sempre clamando por seu nome, a fim de conseguir força para enfrentar os mais hilários desafios. Após encontrar a sua dama para enamorar-se, o cavaleiro depois percebe que precisava também de um bom escudeiro que o seguisse na sua trajetória. Logo aparece Sancho Pança na narrativa, o fiel escudeiro de Dom Quixote que o acompanha a partir de sua segunda saída em aventuras errantes. No conto de Nérida Piñon, a atualização da obra cervantina, permite que Dulcineia apareça como a presença real da personagem, que consente ao fidalgo amar também um corpo, não apenas uma figuração idealizada pelos seus pensamentos.

E, assim, completando a narrativa, Sancho Pança surge na história de Cervantes a partir da necessidade que Dom Quixote sentiu de ter um escudeiro, como ocorria com todos os cavaleiros andantes, para ser a sua companhia e ajuda em busca de aventuras pelo mundo a fora, como mostra o trecho da narrativa, a maneira como se tornaram ambos cavaleiro e escudeiro:

Nesse tempo chamou D. Quixote um lavrador seu vizinho, homem de bem (se é que esse título se pode dar a quem é pobre), mas com pouco sal na moleira. Enfim, tantas lhe disse, tanto porfiou e lhe prometeu, que o pobre vilão determinou de sair com ele e lhe servir de escudeiro. Disse-lhe D. Quixote, entre outras coisas, que podia ir com ele de bom grado, pois alguma vez podia acontecer-lhe uma aventura que lhe ganhasse, do pé para a mão, alguma ínsula e o deixasse por governador dela. Com essas e outras que tais, Sancho Pança, que assim se chamava o lavrador, deixou mulher e filhos e se assentou como escudeiro do seu vizinho (CERVANTES, 2017, p. 125).

A necessidade o fez procurar por um lavrador conhecido, seu vizinho, considerado um homem de bem, mas na incerteza se assim poderia ser chamado quem é pobre, como era o simples cuidador de porcos. Este lavrador, mesmo considerado como uma boa pessoa, era visto como um homem de “pouco sal na moleira”, expressão que remete a pouco juízo, imprudência, alguém que é considerado ingênuo ou inocente. Todavia, diante da boa conversa que Dom Quixote teve com ele, de prontidão Sancho aceitou sair com o cavaleiro e lhe servir de escudeiro, deixando sua mulher, Tereza Pança, e seus filhos, mas sem esquecê-los em nenhum momento e com o desejo de um dia voltar e poder proporcionar uma vida melhor para a sua família.

Segue, então, a extensa narração e trajetória do cavaleiro e seu fiel escudeiro, retratando sempre os longos diálogos e reflexões que estabelecem ao longo da caminhada. De um lado, um fidalgo, letrado e de vasto conhecimento literário adquirido através de intensas leituras; do outro, um lavrador, analfabeto, que falava, quase sempre, através de provérbios e pouco sabia sobre as novelas de cavalaria, mas que muito sabia sobre os desígnios da vida. Sancho Pança se torna a razão para Dom Quixote, é o lado sensato e coerente em meio às fantasias do cavaleiro.

Diante do contexto da cavalaria criada por Dom Quixote, Sancho não consegue manter-se neutro, mesmo querendo sempre mostrar a realidade de algumas situações ao seu amo, quando este se mostra em meio a ilusões e delírios, por exemplo, quando chama de castelo o que na verdade era uma estalagem, ainda que diante do esforço do seu escudeiro em convencê-lo de que estava enganado. Em alguns momentos Sancho também acaba

embarcando nos devaneios do Cavaleiro da Triste Figura, porém, nunca sem esquecer a promessa de um dia torná-lo governador de uma ínsula. É assim, através do escudeiro Sancho Pança, que Cervantes trata da noção de desigualdade social, provocando uma leitura ambivalente do idealismo, apontando o seu aspecto de esperança, força e fuga do real, mas também mostrando o aprisionamento ao qual a razão e a abstração remetem.

No decorrer de toda a obra, há os momentos nos quais Dom Quixote clama por sua dama, como no amor cortesão em que o enamorado celebra e a serve com devoção, como uma espécie de refúgio que ele recorre nas horas de luta, para destinar os seus grandes feitos e nas horas de dor, após as batalhas que lhe moíam o corpo e, também, nos momentos de ócio ao adentrar profundamente em seus devaneios, como se pudesse vê-la e senti-la diante de si. Isso, porque, a fixação amorosa de Dom Quixote por Dulcineia segue o modelo feudo-vassálico do amor cortesão, em que deve se referir à mulher com o tratamento de “Minha Senhora”, a quem se compromete a homenagear e “está ao serviço da dama como o vassalo ao do senhor”<sup>15</sup>, semelhante a uma questão de posse e de poder.

Tão grande é a devoção em relação à amada que o sentimento, conforme Le Goff (2006), “surge como uma verdadeira religião do amor, a dama é um objeto de um culto. A alegoria do deus Amor serve para revelar a submissão ao sentimento que, doravante, é a única razão de viver”<sup>16</sup>. É o que Dom Quixote faz ao sacralizar a imagem de Dulcineia, cultuando a sua beleza e formosura, impossíveis de serem encontradas em qualquer outra mulher, pois somente a sua dama possui a mais sublime perfeição já vista. O cavaleiro se encontrava cativado, fascinado diante da imagem de Dulcineia que ele criou em sua mente. Composto por Cervantes, assim como os poetas trovadores, sentia-se obcecado pela necessidade de conquistar o amor da sua dama em El Toboso, pois estava “fascinado por sua beleza e possuído pela fantasia de uma aproximação discreta”. Tão grande é o seu contentamento que segue em suas aventuras sempre bradando pela sua Dulcineia, mantendo a expectativa sobre o dia que em iria encontrá-la e poder professar o seu amor, contente e admiração que por ela sentia. Toda essa devoção amorosa vivenciada por Dom Quixote ocorre, ainda segundo Le Goff (2006), porque é a:

Beleza do objeto amado que atravessa o coração do amante e o torna cativo para sempre; em seguida, a exaltação amorosa, a perda da consciência e o êxtase, o caráter psicossomático da paixão, as atitudes quase místicas, as imagens da chaga incurável causada pelo amor, o amante falando de seu coração como de um outro eu (LE GOFF, 2006, p. 53).

---

<sup>15</sup> LE GOFF, 2006, p. 48.

<sup>16</sup> LE GOFF, 2006, p. 49.

Assim, o fato do cavaleiro ter idealizado para si a dama mais bela de todas incorporou ao seu sentimento a necessidade de tornar-se prisioneiro de sua idealização. A consequência disto é uma grande exaltação amorosa, capaz de atingir o nível da inconsciência. O sentimento que Dom Quixote nutre por Dulcineia torna-se uma paixão não apenas carnal, mas engloba as esferas intrínsecas ao corpo, assim também, como a psíquica, como algo irreversível, sem cura. Tão grande é o amor, que se torna capaz de existir fora de si. Deste modo, Dulcineia assume uma posição de dominação em relação ao enamorado cavaleiro e este, por fê em seus sentimentos se coloca como um homem completamente fiel à sua senhora. E, ao falar sobre Dulcineia, Dom Quixote lança mão de descrições minuciosas de sua beleza, elencando cada detalhe que a torna incomparável e inconfundível em relação às demais mulheres.

Seu nome é Dulcineia; sua pátria, El Toboso, um lugar de La Mancha; sua qualidade há de ser pelo menos de princesa, pois é rainha e senhora minha; sua formosura, sobre-humana, pois nela vêm-se fazer verdadeiros todos os impossíveis e quiméricos atributos de beleza que os poetas dão às suas damas: que seus cabelos são ouro, sua fronte campos elísios, suas sobrancelhas arcos-celestes, seus olhos sóis, suas faces rosas, seus lábios corais, pérolas seus dentes, alabastro seu colo, mármore seu peito, marfim suas mãos, sua brancura neve, e as partes que da vista humana a honestidade encobriu são tais, segundo eu penso e entendo, que só a discreta consideração pode encarecê-las e não compará-las (CERVANTES, 2017, pp. 179-180).

A descrição que Dom Quixote faz de sua dama ocorre como uma sacralização, atribuindo-a um caráter sagrado, o que remonta ao culto à Maria, iniciado durante o medievo, assim também, como as musas antigas, comparando partes de seu corpo com os mais admiráveis elementos da natureza, segundo uma beleza e estética renascentista da antiguidade clássica. A sua senhora, de tão especial formosura, deve ser coincidida, no mínimo, a uma princesa, pois para ele trata-se de uma rainha. Não pode nem ao menos ser considerada dona de uma beleza comum aos humanos, sua perfeição vai além e atinge os níveis do impossível e do fantástico, pois somente nela tornam-se possíveis os atributos de beleza enaltecidos pelos grandes poetas. Dulcineia assume a posição de Deus ativo para Dom Quixote.

A sua senhora não é perfeita apenas fisicamente, os atributos que a visão não pode contemplar também são dignos de admiração e passíveis à não necessitar de comparação, colocando Dulcineia no patamar de encanto físico e moral. A idealização feita de Dulcineia e a maneira como Dom Quixote expõe seus atributos é o modo que ele encontra para tornar a

sua fantasia algo real, para que quem o ouça acredite na formosura de sua dama e jamais digam existir mulher mais formosa e bela que sua enamorada.

Dulcineia representa para Dom Quixote a realidade de um sonho. Ela é o elemento amoroso que compõe o seu sub-universo dos sentidos, inabalável sob qualquer contestação alheia. Isso porque, temos autonomia para escolher os nossos modos de pensamento, com qual nos familiarizamos e com quais não aderimos. De acordo com Schutz (1983), “a origem e a fonte de toda realidade, seja de um ponto de vista absoluto, seja prático, sempre está, portanto, em nós mesmos”<sup>17</sup>. Dom Quixote assume a realidade que ele acredita, ele vive conforme os seus desejos de transformar o mundo no que ele acredita ser um mundo ideal. Ao recriar a vida a sua maneira, o cavaleiro a considera “real ao seu próprio modo”<sup>18</sup>, pois em sua mente não havia uma outra maneira de pensar que conflitasse forças com o seu ideal. Por isso, a convicção que Dom Quixote possuía sobre o que ele acreditava já era o suficiente para que fosse real para ele.

Destarte, Sancho fica maravilhado diante das tamanhas exaltações realizadas por Dom Quixote sobre sua amada, mas duvidava um pouco e lhe custava acreditar existir a tão bela Dulcineia, por nunca ter ouvido falar em tal nome e em tão formosa princesa naquelas redondezas, mesmo morando tão perto. Assim, começa a aparecer indícios de que Dulcineia não existe de fato, de que ela foi uma construção de Dom Quixote para que pudesse ter por quem se enamorar, como todo bom cavaleiro andante, sendo este o maior de seus devaneios, a fantasia que o fazia seguir adiante com suas aventuras, resguardado na idealização de que todas as suas grandes vitórias seriam destinadas à sua senhora, para que esta soubesse do sofrimento que passava sem fraquejar ou pensar desistir.

Por isso, que a cada nova “aventura vencida”<sup>19</sup>, Dom Quixote dava ordens de que os por ele vencidos passassem por El Toboso e à Dulcineia ofertassem a vitória do cavaleiro sobre eles, dando ênfase no ocorrido. O que nunca acontecia de fato, isso porque, as pessoas não levavam a sério as loucas fantasias de Dom Quixote e, porque, mesmo se procurassem, não encontrariam a formosa princesa Dulcineia que residia em um castelo naquela circunvizinhança.

Nos momentos de dificuldades e de sofrimentos, tendo enfrentado variadas aventuras e sem grande sucesso, cabia a Dom Quixote queixar-se à sua dama, suplicando-lhe que

---

<sup>17</sup> SCHUTZ, 1983, p. 751.

<sup>18</sup> SCHUTZ, 1983, p. 752.

<sup>19</sup> Dentre tantas fantasias, Dom Quixote distorcia situações cotidianas e via-as como oportunidade para vivenciar uma grande aventura, como o caso dos moinhos de vento no qual ele acreditou ser bravos gigantes. Adentrava em tais aventuras fantasiadas e, algumas vezes, saía vitorioso, porém, acumulava marcas das batalhas, recorrentemente, mal logradas.



amenizasse o seu sofrimento e que compadecesse da sua dor. O cavaleiro, então, entra em longos monólogos, como se se pudesse fazer ouvir por Dulcineia, elevando seus feitos e sempre enaltecendo o seu grande amor e a força nele contida, sempre necessária ao cavaleiro para suportar os riscos dos caminhos.

Oh, Dulcineia d’El Toboso, dia da minha noite, glória da minha pena, norte dos meus caminhos, estrela da minha ventura: que o céu ta dê boa em tudo quanto lhe pedires, e consideres o lugar e o estado a que tua ausência me conduziu, e que em bom termo correspondas ao que a minha fé merece. (CERVANTES, 2017, p. 333).

Os clamores de Dom Quixote à Dulcineia sempre bebem e fazem alusão à vertentes históricas/literárias, mostrando a profundidade do texto literário escrito por Cervantes, como no caso da antítese “dia da minha noite” da citação acima, lembrando a época do renascimento e a literatura classicista, principalmente, na perspectiva de amor platônico e também já como um prenúncio da estética barroca, conhecida como a escola literária na qual mais se utilizou desta figura de linguagem, como forma de expressar os sentimentos e desejos contrastantes da época.

Quando o cavaleiro afirma que sua senhora era o “norte dos meus caminhos”, ele coloca este amor ideal como seu guia, a bússola que o encaminha em seus percursos, fundamental e indispensável para o sucesso de sua viagem. É por isto, que Dom Quixote está sempre chamando por Dulcineia, como se ela fosse o ponto em que ele encontrasse segurança e refúgio. E Cervantes confirma a ideia de contentamento na sequência da fala do cavaleiro de La Mancha, ao dizer que “a tua ausência me conduziu”, deixando claro que ele não precisa da materialização de Dulcineia, mas a convicção advinda da fé de que ela o acompanha já é suficiente. Há, portanto, uma problematização na divisão corpo/mente e razão/emoção, mostrando Dom Quixote idealizando questões da mente e das emoções em detrimento do corpo e da razão.

Sendo Dulcineia uma personagem tão importante dentro da obra de Miguel de Cervantes, chamando atenção para sua não aparição na obra e este fato não interferir na sua significação enquanto personagem idealizada, uma vez que os constantes devaneios de Dom Quixote a insere de maneira fantasiosa na narrativa, tornando-a uma mulher amada, enaltecida e almejada diante de tamanha beleza e formosura, a personagem acabou ganhando visibilidade e a atenção dos escritores contemporâneos, como é o caso da escritora do conto “Dulcineia”.

## 1.2 A ilusão em detrimento da realidade<sup>20</sup>

Nélida Piñon se identifica com literaturas canônicas ao buscar personagens já renomados e conhecidos entre os leitores para integrar as suas obras, inserindo-os em novos contextos e novas experiências, como maneira de recriar uma narrativa. Em seu livro *A camisa do marido* (2014) Nélida traz o conto “Dulcineia”, em que ela reconfigura a personagem que dá nome ao conto, atribuindo-lhe nova significação.

O interesse na obra espanhola pode ter surgido pelo fato da escritora ser descendente de galegos, que imigraram da Galiza para o Brasil. A hipótese pode ser justificada através da sua grande obra *A república dos sonhos* (1984), em que ela narra as lembranças da sua infância ao reconstruir a história de uma família de imigrantes espanhóis que chegam às terras brasileiras em busca de novas oportunidades de vida, pois o povo galego é conhecido, inclusive mesmo por lá, pela tendência à emigração, tendo em vista as dificuldades de sobrevivência em terras galegas, pois as opções de vida e de trabalho que o território propõe aos seus habitantes são as atividades conectadas ao mar e a terra, funções pesadas e sem grandes perspectivas de futuro, o que, de certa forma, impulsionou seus habitantes a saírem de sua terra natal almejando outras expectativas de sobrevivência.

Piñon se dedica às suas obras de maneira a reavivar memórias sobre o modo como a mulher viveu ao longo de tantos anos e de quando a história feminina surgiu no passado e como existe até hoje. Estas memórias perpassam até a origem do mundo, de forma a mostrar que desde o início de tudo as mulheres já estiveram presentes e recobertas de significações em todos os lugares e em todos os momentos históricos pelos quais passaram.

Conforme Dileane Oliveira, em as *(Des)identificações femininas no mosaico de Nélida Piñon* (2017), é por isso, que nas narrativas dessa escritora é comum “encontrarmos resquícios de uma memória milenar, por meio da qual a escritora traz à luz a história feminina, ordena espaços secretos que a alma das mulheres conhece com propriedade, preenche os vazios que a narrativa oficial deixou.”<sup>21</sup>. Portanto, Nélida resgata e reaviva aspectos da memória de alguns anos atrás, de onde ela destaca a história feminina, mostrando a subjetividade das mulheres com particular domínio. Assim, retomando a força contida no íntimo da alma, a escritora busca preencher todos os vazios que uma personagem pode trazer de sua narrativa primeira e ganha uma nova significação para Piñon. Dessa forma, a escritora

---

<sup>20</sup> PIÑON, 2014, p. 69.

<sup>21</sup> OLIVEIRA, 2017, p. 36.

dá voz às personagens canônicas em seus contos não apenas para expor suas complexas vivências, mas também propõe uma importante e profunda reflexão acerca da existência feminina.

A autora não recria suas personagens apenas através de um ideal social, mas como mulheres capazes de ultrapassar os limites dos estereótipos e da invisibilidade, vencendo o conformismo e a subordinação. Assim, a autora acaba retratando a história da independência feminina em seus enredos, mesmo que não abertamente, mas nas entrelinhas das narrativas que abordam as várias gerações das mulheres, de tudo que estas passaram até atingir certa autonomia contemporânea. Piñon trata em suas obras as diferentes formas de submissão e de como as mulheres as transgredem, marcando a ruptura e resistência da condição feminina. Representa, através do estético e do social, a situação da mulher através, principalmente, do discurso, da história e da memória do corpo feminino.

Segundo Leyla Perrone-Moisés (1979), a *intertextualidade crítica* define que “um texto dialoga com outro”<sup>22</sup>, cruzando os dois textos e quando se analisa uma obra segundo esta vertente de estudo “o simples fato de ser retirada do seu contexto a transforma, assim como o novo contexto no qual a introduzo [...] e como me aposso dela no meu comentário”<sup>23</sup>. É o que Nélide Piñon faz com a Dulcineia d’*O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, transformando a personagem, distanciando-a de sua obra primeira, colocando-a como uma mulher forte, dona de suas vontades e que é capaz de tomar decisões importantes sobre si mesma, ao escolher viver a fantasia de Dom Quixote e seu fiel companheiro Sancho Pança, mostrando não ser uma mulher subordinada, seja pelos homens, seja pela sociedade.

O crítico literário Antonio Candido (2007) afirma que o enredo de uma narrativa se desenvolve a partir das personagens que o vivenciam através de suas ideias. É por isso, que as personagens de um enredo são responsáveis por haver vida no romance. No conto analisado, apresenta-se de início a personagem Maritornes, uma jovem simples, que presta serviço em uma taberna em troca de abrigo e comida. A jovem possui jestos rudes, sem delicadeza devido ao ambiente em que vive inserida e a sua história de vida sofrida.

Candido (2007) ainda afirma que “na vida, estabelecemos uma interpretação de cada pessoa, a fim de podermos conferir certa unidade à sua diversificação essencial, à sucessão dos seus modos-de-ser.”<sup>24</sup>. portanto, em seu conto, Nélide Piñon proporciona a Dom Quixote

<sup>22</sup> PERRONE-MOISÉS, 1979, p. 210.

<sup>23</sup> PERRONE-MOISÉS, 1979, p. 210.

<sup>24</sup> CANDIDO, 2007, p. 58.

o encontro com um corpo para sua fantasia, pois na obra original o fidalgo e cavaleiro andante idealiza a sua dama com uma beleza inimaginável, como uma princesa de gestos majestosos e delicados. Entretanto, Dulcineia nunca aparece realmente na narrativa de Cervantes, ficando limitada apenas aos devaneios do cavaleiro de que ela existe e reside em um castelo na cidade d'El Toboso. Assim, Dom Quixote fantasia a existência de tal mulher e se apega a esta imaginação como força para suportar os riscos existentes na vida de aventuras de um verdadeiro cavaleiro, como nas novelas de cavalaria que ele tanto leu, já que ele passa a viver como um andarilho, um nômade, que escolhe a liberdade de peregrinar em oposição à segurança da sedentariedade que ele possuía em sua fazenda, sendo um fidalgo estimado por todos e ao lado de sua sobrinha e ama, como também de amigos próximos.

Ainda de acordo com Candido (2007) “a personagem deve dar a impressão de que vive, de que é como um ser vivo”<sup>25</sup>, o que justifica a grande inquietação que arrebatou Maritornes naquele momento, sem entender as razões do fidalgo em querer fazer dela uma mulher que não era. A personagem entra em um profundo monólogo, numa tentativa de refletir sobre a situação e se poderia mesmo ela se transformar na Dulcineia de Dom Quixote.

A Dulcineia nelidiana transfigura para os planos reais aspectos transcendentais, quando o fidalgo, acompanhado do seu escudeiro Sancho Pança, entra em uma taberna e ambos se deparam com Maritornes a servi-lhes vinho, de conduta contrária à narrativa primária, ao ganhar maior visibilidade dentro da obra recriada, potencializada e reconstruída como personagem principal, pois em Cervantes a mesma aparece como uma personagem secundária, de pouca notoriedade em trechos curtos da narrativa. Quando Dom Quixote examina o seu rosto logo se sente atordoado e pede ajuda a Sancho, pois aquela mulher diante deles é Dulcineia, “minha dama senhora”<sup>26</sup>. Grande foi a sua emoção naquele momento, faltando-lhes até as palavras capazes de descrever a harmonia que presenciava como a de um “quadro pintado por ilustre artista da corte”<sup>27</sup>. Este, ao cortejá-la, acaba descobrindo “a procedência nobre em meio à multidão”<sup>28</sup>, desencadeando na personagem a mais inquietante reflexão sobre si mesma e a conduta do fidalgo ao atribuir-lhe virtudes inéditas, que ela acreditava nem possuir, pois jamais haviam sido admirada por outros homens, chegando a achar que o cavaleiro a havia confundido com esta Dulcineia, pois estava à atribuir-lhe uma beleza que não possuía, mas este insistia em designá-la como “a mulher de seus devaneios”<sup>29</sup>.

---

<sup>25</sup> CANDIDO, 2007, p. 64.

<sup>26</sup> PIÑON, 2014, p. 51.

<sup>27</sup> PIÑON, 2014, p. 51.

<sup>28</sup> PIÑON, 2014, p. 52.

<sup>29</sup> PIÑON, 2014, p. 52.

Maritornes não consegue entender o que aquele estranho homem queria dela e entra em uma profunda reflexão em busca de encontrar sentido para o que acontecia, pois estava sendo tratada como uma mulher que ela não era nem de nome, pois não se chamava Dulcineia, como havia dito o fidalgo; nem de aparência, porque era uma taberneira, pobre e que nem de longe conhecia as regalias da corte e da riqueza e, assim, não era também essa mulher nem no comportamento, pois seus modos eram rudes, já que sua vida se resumia a servir os homens que aparecia na taberna.

Dom Quixote oferece à Maritornes “a oportunidade de sonhar, de pleitear o impossível”<sup>30</sup> e de viver ao lado dele “o mundo que ele inventara”<sup>31</sup>. De nada adianta oferecer, a principal transformação parte de Maritornes, ela compreende a fronteira do real e do delírio do peculiar cavaleiro. E, assim, ela conclui que nada poderia ser pior do que tudo o que ela já viveu até então, pois trabalhava em troca de moradia e comida e, frequentemente, era abusada sexualmente por muitos homens que frequentavam a taberna. De tal modo, ela decide aceitar os devaneios do fidalgo Dom Quixote e de seu escudeiro Sancho Pança. Maritornes, então, passa a ser Dulcineia d’El Toboso, a dama de Dom Quixote, o corpo real para a fantasia do cavaleiro andante e assume uma importante emancipação sobre suas escolhas perante a significativa coragem em se recriar, se transformar e fazer uma vida distinta para si. Piñon traz para a personagem do seu conto a noção de andarilho ligada ao desejo de liberdade defendido e acreditado pelo cavaleiro e seu escudeiro e, com isto, há a libertação desta mulher do lugar que a sociedade lhe reservou, a taberna em que ela antes padecia proporciona a liberdade de escolher viver o mundo a partir de uma nova forma de vida e de outras companhias.

---

<sup>30</sup> PIÑON, 2014, p. 53.

<sup>31</sup> PIÑON, 2014, p. 57.

## CAPÍTULO 2 – UMA FANTASIA DESPROVIDA DE CORPO<sup>32</sup>

Neste capítulo, ao analisar a Dulcineia nelidiana, assim como a escritora, faz-se uso do estudo hermenêutico do texto, a fim de estabelecer o modo de configuração literária adotado por Nélide Piñon ao recriar a narrativa de Dom Quixote segundo a noção de desleitura, de leitura à contrapelo<sup>33</sup>, enfatizando de que maneira a escritora realiza uma urgente atualização da obra de Cervantes. No conto de Nélide Piñon, a personagem Maritornes é ressignificada e recebe um novo olhar, sob novas nuances, levando em consideração que ela se torna a mulher que Dom Quixote necessitava para incorporar a sua fantasia. Assim, Maritornes é fabricada a partir de um grande solilóquio no momento de confusão em que ela se encontra por causa da chegada do cavaleiro e seu escudeiro à taberna:

Uma admoestação que talvez se devesse ao fato do fidalgo, tão logo entrado na taberna, com ele, atribuir à mulher, vendo-lhe o rosto, o nome de Dulcineia, que ela prontamente refutou.

– Sou asturiana de nascimento e me chamo Maritornes.

Seu protesto, porém, não foi levado em conta, e ele insistia em chamá-la de Dulcineia, uma insolência que a feriu de tal forma que irrompeu em prantos, ao constatar a crueldade do mundo (PIÑON, 2014, pp. 48-49).

Maritornes não passa, então, de uma mera personagem a quem Dom Quixote deseja atribuir o nome que trazia no coração para representar o seu amor, que fica claro diante da grande insistência do cavaleiro em chamá-la por Dulcineia. A taberneira de prontidão não aceita a denominação que lhe atribui e declara o engano até mesmo através da sua origem, pois a mesma é asturiana, mas o seu protesto não é considerado e Dom Quixote continua insistindo em denominá-la Dulcineia, o que a machucou profundamente e a levou para o fundo da taberna a fim de refletir sobre o que se passava naquele momento, diante da situação em que um homem teimava “em fazer dela quem não era”<sup>34</sup>. Assim, a personagem é recriada como uma mulher que assume uma figuração real e ideal para os desejos do cavaleiro de La Mancha.

---

<sup>32</sup> PIÑON, 2014, p. 68.

<sup>33</sup> Conceito de Walter Benjamin apresentado em suas teses acerca do conceito de história, remete ao ato de escovar a história a contrapelo; ler nas entrelinhas; perceber os não-ditos na história e, assim, realizar uma interpretação profunda, para além da superfície do texto, examinando novas possibilidades de leitura e construção de sentidos que se adequam ao contexto.

<sup>34</sup> PIÑON, 2014, p. 48.

## 2.1 Uma mulher concebida pela imaginação<sup>35</sup>

Maritornes, a Dulcineia nelidiana, é de uma atualização crítica potente, afinal a taberneira, marginalizada, possui uma profundidade e um poder de reflexão que muitas vezes foram negadas as personagens femininas ao longo da produção literária ocidental. Há uma revolta em Maritornes ao ter sua identidade destituída a partir do nome vazio Dulcineia. Contudo, logo após refletir sobre a existência há o preenchimento deste nome, Maritornes habita Dulcineia, ou Dulcineia habita Maritornes? Difícil saber, o entrelaçamento entre essas mulheres, uma real e outra ideal, demonstra a potência feminina em desenhar novos mapas e traçar caminhos possíveis a partir da sua vontade e necessidade. Mesmo sendo fruto fictício e sacralizado da loucura do cavaleiro, é Maritornes que escolhe, lucidamente, ocupar a fantasia de Quixote.

Ao recriar a narrativa das aventuras quixotescas, Nélide torna a obra contemporânea em seu tempo, reinserindo seus personagens em contextos e acontecimentos que suscitam a continuação da obra, permitindo que ainda fale ao tempo presente. Destarte, há uma atualização da obra cervantina de maneira a revitalizá-la hoje, mas sem deixar de lado as impressões e significações que a obra indiciava em seu momento de origem, pois a reescrita moderna não se desliga do texto primeiro, desenvolvendo uma importante relação entre os tempos. Dessa maneira, um texto contemporâneo, conforme o filósofo italiano Giorgio Agamben (2009), é aquele que:

Dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de “citá-la” segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder (AGAMBEN, 2009, p. 72).

Nélide Piñon ao escrever o seu conto sobre Dom Quixote e Dulcineia acaba inserindo sentidos que completam a obra cervantina, se apropriando de uma lacuna para introduzir uma cena possível em novos tempos e assim, torna a história inédita na contemporaneidade, segundo a necessidade da época. Entretanto, esse poder de decisão não provém de Nélide, mas sim, do próprio texto e da sua necessidade de comunicar ao presente. Portanto, o que a escritora brasileira faz é transportar o texto para outro tempo e introduzi-lo em uma nova necessidade de sentidos, neste caso, para repensar a existência feminina.

---

<sup>35</sup> PIÑON, 2008, p. 17.

Logo, no conto “Dulcineia”, diante do que Maritornes significou para a realização de suas fantasias, Dom Quixote não pode mais ouvir as suas incansáveis tentativas de argumentar e convencê-lo de não ser ela a sua dama, pois, de imediato, este já estava tomado pelo encantamento de ver à sua frente o rosto da mulher de seus devaneios.

– Ajude-me, Sancho.

Dizia tentando se pôr de pé.

– É ela, Dulcineia. [...]

– Minha dama senhora...

Ele disse, comovido, faltando-lhes palavras com que tecer a harmonia que emanava da jovem que saltara de um quadro pintado por ilustre artista da corte, desatento aos risos que despertava nos demais (PIÑON, 2014, p. 51).

Dom Quixote encontrou em Maritornes a materialização que a sua imaginação precisava para tornar real o sentimento que ele sentia eis a possibilidade do amor existir do plano irreal, imaginário para a vida de fato. Perante a chance de encontrar a forma física de seu amor naquela taberna, Dom Quixote sente-se emocionado de tão grande maneira que tem dificuldade para ficar em pé e para ter certeza do que realmente via. Chama por ela, mas faltam palavras naquele momento que pudessem descrever o que se passava dentro da sua mente. Para ele, presenciava a mais delicada cena, podendo muito bem ter sido pintada por um pintor renomado, pois, ali estava a representação da sua amada dama e senhora, Dulcineia d’El Toboso. Ao vivenciar tal promessa, pouco lhe importava o que as pessoas ao redor pensavam sobre aquele acontecimento. Dom Quixote só tinha consciência da grandeza de poder concretizar o seu amor, mesmo que fosse ridicularizado.

Maritornes não sabia que o amor de Dom Quixote por Dulcineia era algo de muito tempo, desde quando ele decidiu ser um cavaleiro andante e sentiu a necessidade de ter alguém para se enamorar e para protegê-lo. Recordou-se de uma lavradora da vizinhança por quem foi apaixonado por um tempo e concluiu que melhor do que ela não existiria. Logo:

A dama do cavaleiro ganhara na pia batismal o nome de Aldonza Lorenzo, mas, por ser ele leitor de livros de cavalaria, acostumado a heróis como Amadis de Gaula, temeu que tal nome fosse incompatível como arrebatado amoroso. Assim, ao substituir Aldonza por Dulcineia e Quijana por Quixote, e ao nomear o alazão por Rocinante, deu vida a seus sonhos, ajustou o mundo da Mancha à sua medida (PIÑON, 2014, p. 63).

A lavradora que Dom Quixote escolheu para se enamorar era Aldonza Lorenzo, mulher que ele nunca havia visto de perto e por quem o fidalgo descobriu já ter sido apaixonado quando jovem. Mas como o mesmo era grande entendido das façanhas da



cavalaria andante, pois era grande leitor de livros que tratavam dessas aventuras, receou que o nome da moça não combinasse com o seu ou não fosse qualificado para representar o grande sentimento amoroso que dele emanava. E, assim, decidiu que sua dama se chamaria Dulcineia e que sua pátria seria a de El Toboso. Ao lado de Rocinante, Dom Quixote percebeu que a escolha soou como a melhor criação que ele já havia feito para sua nova vida de cavaleiro andante.

O batismo, a troca de nomes, o leva a ajustar “o mundo da Mancha à sua medida”, o poder do nome é trazido por Cervantes e Piñon também consciente disto os coloca dentro de um discurso em que de maneira ativa os personagens nomeados pelo cavaleiro escolhem ou não estar sob esta nova medida, como um legislador grego (bem elucidado em *Crátilo*, de Platão), Quixote nomeia e atribui nova vida para as pessoas e instrumentos, a existência passa pelo seu raciocínio e este brinca com a racionalidade e moral da época. A justeza dos nomes lembra o diálogo platônico, a essência das palavras para o cavaleiro pode ser reconfigurada.

Ter visto em Maritornes os atributos que sonhava para Dulcineia desencadeou em Dom Quixote grande euforia, que não lhe deixou perceber que a personagem não possuía as formosuras de uma princesa, pois a mesma não conhecia outra vida senão a de taberneira, sem luxos e delicadezas, trabalhando duro para ter onde morar e o que comer. O fidalgo, entretanto, “ao designá-la mulher de seus devaneios, simplesmente reconhecia as vicissitudes que padecera ela naquele meio inóspito. Por conseguinte, ofertara-lhe a oportunidade de sonhar, de pleitear o impossível.”<sup>36</sup>. Mostra-se, que aos olhos de Dom Quixote o que ocorria era um ambiente desfavorável aos atributos de Maritornes, circunstâncias contrárias às suas necessidades, que acabaram estampando na personagem as marcas do sofrimento, ainda mais agravadas em um ambiente onde nem se deveria viver, quase sem condições de ser habitado. Porém, mesmo consciente de todos os agravos impostos à personagem, Dom Quixote lhe oferece a chance de alcançar uma vida nova, de sonhar com outras possibilidades de história, até mesmo o que pode ser considerado impossível. Para isso, bastava apenas que Maritornes aceitasse ser a Dulcineia de Dom Quixote. Mas, isso não é tão simples.

A personagem da taberna é atualizada na obra de Nélide Piñon e recebe uma nova figuração. Nesta releitura, Maritornes é prometida de viver o que não foi possível na obra de Cervantes, ela torna-se a realização de Dulcineia e, com isso, lhe é permitido sonhar, almejar uma vida diferente de tudo o que ela viveu e, até, idealizar realizações que para ela podiam ser impossíveis, como possuir uma vida para além da taberna em que trabalhava. Além da

---

<sup>36</sup> PIÑON, 2014, p. 53.

sobrevivência há os outros âmbitos da existência, Maritornes abre-se ao horizonte de possibilidades, cansada de viver de maneira limitada e coercitiva, opta por abrir o espaço menor que lhe era reservado para ampliar em deslocamentos a liberdade que lhe surgiu com o cavaleiro e seu escudeiro. Não é tão simples para Maritornes dizer sim, a segurança da vida, mesmo que sofredora ainda a trazia sobrevivência, já a liberdade é estar disposta a encarar atribulações e estar suscetível a diversos modos de vivências pelos caminhos.

Nélida Piñon propõe uma nova leitura a partir da noção de *intertextualidade crítica*. O termo *intertextualidade*, segundo o e-dicionário de termos literários de Carlos Ceia é conceituado como a “relação entre textos”<sup>37</sup>. Seria, portanto, o diálogo que um texto estabelece com outro texto, considerado como algo próprio da produção humana, tendo em vista que a escrita literária é “sempre uma retomada de outras produções”<sup>38</sup>, estabelecendo um infinito jogo de enredos que envolve autores e leitores em novas configurações de escrita e leitura.

A noção de diálogo entre os textos surgiu com Mikhail Bakhtin junto a ideia da pluralidade de vozes existentes nos textos. Para Bakhtin, segundo Barros (2003), o texto é “tecido polifonicamente por fios dialógicos de vozes que polemizam entre si, se completam ou respondem umas às outras.”<sup>39</sup>. O texto possui, então, muitas vozes que o constitui e o define e as vozes dialogam umas com as outras como forma de se completarem dentro do texto. Assim, Bakhtin defendia que a intertextualidade ocorria de maneira interna através dessas vozes que dialogam dentro do texto e permitem, também, o diálogo com outros textos. Dessa maneira, pensar a *intertextualidade crítica* é conhecer o procedimento ficcional das influências cervantinas em Piñon.

Tendo estudado a teoria dialógica de Bakhtin e sendo influenciada por ela, Julia Kristeva é quem realmente lança o conceito de intertextualidade e parte da ideia, em sua obra *Semeiotikê: Recherches pour une Sémanalyse* (1981), de que “todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”<sup>40</sup>. De tal modo, conforme Kristeva, nenhum texto se constrói de maneira isolada, há sempre uma apropriação de outros textos, semelhante às construções de um jogo montado através de pequenas partes retiradas de outros textos. Dessa forma, Kristeva propõe um método denominado como paragramático, que permite perceber os diálogos que existem dentro do

---

<sup>37</sup> WALTJ, 2009, p. 01.

<sup>38</sup> WALTJ, 2009, p. 04.

<sup>39</sup> BARROS, 2003, p. 04.

<sup>40</sup> KRISTEVA, 1969, p. 390.

próprio texto e os diálogos estabelecidos com outros textos, pluralizando uma grande rede de sentidos que constituem a estrutura plural e significativa de um texto.

De acordo com Leyla Perrone-Moisés, que trata da noção de *intertextualidade crítica*, em sua obra *Texto, crítica, escritura* (1978) afirma que Julia Kristeva definiu, a partir das suas leituras bakhtinianas, intertextualidade como a constante ligação que cada texto estabelece em relação aos outros, como em um incessante diálogo que vai constituindo a literatura. Assim, Perrone-Moisés (1978) afirma que “cada obra surge como uma nova voz que fará soar diferentemente as vozes anteriores, arrancando-lhes novas entonações.”<sup>41</sup> Portanto, cada nova obra ressignifica as vozes anteriores, dando-lhes contextos de atuação diversa e inserindo-as em novas experiências capazes de lhes extrair novos sentidos, pensando que tudo que já foi dito pode ser dito novamente de maneira diferente, possibilitando novas interpretações e novos sentidos. É assim que acontece a *intertextualidade crítica* contemporânea.

Na obra do espanhol Miguel de Cervantes, Dom Quixote sempre deixa claro quão intensa e necessária é a sua dedicação por Dulcineia. Tendo ele próprio criado esse amor por uma mulher que existia apenas em seus devaneios, o cavaleiro sempre tratava de enaltecer as virtudes e formosuras da sua dama, com ênfase em lembrar que nenhuma outra mulher no mundo seria capaz de possuir uma beleza que se igualasse a de Dulcineia d’El Toboso. E, ainda, tão grande se mostrava a sua devoção por sua senhora, nem se quer cogitaria a possibilidade de se apaixonar por outra, assim, como não existia motivo apto a dissolver esse amor:

Não há de ter força a maior formosura da terra para que eu deixe de adorar a que tenho gravada e estampada no meio do coração e no mais escondido das entranhas, ora estejas, senhora minha, transformada em repolhuda lavradora, ora em ninfa do dourado. Tejo, tecendo panos de ouro e seda compostos, ora te tenha Merlim ou Montesinos onde eles quiserem: pois onde quer que seja és minha e onde quer que seja eu fui e hei de ser teu (CERVANTES, livro II, 2013, p. 503).

Dom Quixote, de tão apaixonado, argumenta que nenhuma transformação, armada pelos seus inimigos encantadores, seria capaz de mudar o que ele sente, porque “nada permanece inexplicado, paradoxal ou contraditório, assim que as atividades do encantador são reconhecidas como elemento constitutivo do mundo”<sup>42</sup>, pois eles eram capazes de modificar as formas naturais de todas as coisas, assim acredita o cavaleiro, que também diz ser alguns deles seus inimigos e guiados por espíritos do mal, que desejam derrotá-lo. Mas, tratando da

<sup>41</sup> PERRONE-MOISÉS, 1978, p. 63.

<sup>42</sup> SCHUTZ, 1983, p. 755.

obra cervantina, o que os encantadores mudam é “o esquema de interpretação que prevalece em um subuniverso no esquema de interpretação válido em outro”<sup>43</sup>, assim, Dom Quixote acredita no que convém ao seu universo, não se importando com os pensamentos alheios. Onde e como ocorrer de estar Dulcineia, ela continuará sendo sua dama e ele, também, nunca deixará de ser o seu amo. O que Nélica Piñon faz em sua narrativa é possibilitar a Dom Quixote concretizar o seu amor. Isso, porque, como já dissemos, Dulcineia só existia nos devaneios do cavaleiro andante, que ansiava pelo dia em que a encontraria e poderia declarar todo o seu sentimento, o realmente só acontece na releitura realizada no conto, quando à Maritornes fica incumbida a missão de se tornar a Dulcineia d’El Toboso.

A principal possibilidade se dá para Maritornes, ela escolhe ser amada, mas de maneira dissimulada e astuta, afinal a estranha forma de amor de cavaleiro andante provocou aberturas para que ela pudesse viver dignamente. São interesses de ambos os lados que Piñon constrói de maneira ambivalente em seu conto. Por um lado, Dom Quixote numa perspectiva egoísta tenta aplicar seus quereres em busca de justiça, por mais que sejam boas suas intenções não deixa de ser uma forma de colonização de quem aceitar caminhar e empenhar seu projeto de vida e mundo. Já por outro, Maritornes tem a consciência de que de maneira artificial e falsa ela é Dulcineia, ao enganar o cavaleiro ela também engana a si mesma, porém essa ação é uma alternativa para criar linhas de fuga e buscar uma nova existência.

Deste modo, Leyla Perrone-Moisés (1978), pensa a *intertextualidade crítica* como algo que sempre existiu, pois a crítica sempre tratou de escrever um texto sobre outro texto. Assim sendo, trata da absorção e da transformação de textos como possibilidade para a escrita de outros novos. Nélica Piñon utiliza-se da *intertextualidade crítica* para reler a obra de Miguel de Cervantes, a história do *Engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha*, porque esta lhe permite um prosseguimento, admitindo que uma nova leitura trate da continuação da história amorosa do cavaleiro andante e de sua dama Dulcineia, tornando possível o seu devaneio amoroso, mas, sobretudo que Dulcineia pouse no corpo de Maritornes e esta tenha uma espécie de renascimento feliz.

A escritora, a partir de Cervantes, considera a *intertextualidade crítica* como principal mecanismo de criação ficcional do seu conto “Dulcineia”. Pautada nessa noção, o que Piñon faz é prolongar a obra do autor com o seu texto atribuindo ações às mulheres, Dulcineia e Maritornes, que se colocavam de maneira mais lateral no texto primeiro, porém na sua escrita

---

<sup>43</sup> SCHUTZ, 1983, p. 755.

tornaram-se principais, são precisamente o foco da sua literatura. É por isso que nos faz pertinente pensarmos concomitantemente com Schneider (1990), quando ele afirma que:

O texto literário é um palimpsesto. O autor antigo escreveu uma “primeira” vez, depois sua escritura foi apagada por algum copista que recobriu a página com um novo texto, e assim por diante. Textos primeiros inexistem tanto quanto as puras cópias; o apagar não é nunca tão acabado que não deixe vestígios, a invenção, nunca tão nova que não se apoie sobre o já-escrito (SCHNEIDER, 1990, p. 71).

Assim, Schneider (1990) propõe pensar o texto literário como um pergaminho que está sempre tendo seu texto raspado para dar lugar a um novo texto, trazendo-nos o pensamento de que um texto primeiro possibilita a escrita de novas histórias em cima dele. Quando Nélida busca por Dom Quixote e Dulcineia e propicia um prosseguimento às suas vidas, mostra ao leitor que a narrativa de Cervantes deixou vestígios na sua escrita, pois a retomada de um texto não implica o seu apagamento por completo, mas seu recalque que sobressai a uma nova escrita.

O que a escritora faz é revisitar o texto do escritor espanhol para se apropriar dele com perspicácia, pois a própria Nélida se considera uma filha de Cervantes e, por isso, em seu ensaio “Dulcineia – a agonia do feminino”, presente no livro *Aprendiz de Homero* (2008), quando a escritora fala sobre o engenhoso Dom Quixote ela afirma ser capaz de forjar “mentiras que a obra me suscita e atribuo aos seus personagens traços de temperamento e conduta contrários à narrativa”<sup>44</sup>. Portanto, Nélida parte de escapes que a obra primeira lhe permite para recriar a história através do seu olhar crítico, atribuindo aos personagens comportamentos diferentes dos que possuíam e, assim, ressignifica o contexto da obra e permite a ela uma continuação que antes não tinha sido possível.

## 2.2 Um sentimento que carecia de ossos e medula<sup>45</sup>

Ao atribuir a Maritornes o artifício de poder escolher o rumo que pode tomar, Nélida Piñon potencializa a personagem, dando-lhe domínio sobre sua própria vida. Entretanto, esta não é uma tarefa fácil para a taberneira, que se sente confusa e busca por respostas que possam sanar as dúvidas que a atormentam ao ver-se confundida com uma mulher que em

---

<sup>44</sup> PIÑON, 2008, p. 09.

<sup>45</sup> PIÑON, 2014, p. 68.

nada parece ser ela e, por isso, “indagava-se sobre se ele teria mesmo o dom de fazer dela outra mulher”<sup>46</sup>, caso ela aceitasse tornar-se a Dulcineia que o fidalgo desejava.

Diante de tal situação, Maritornes se recolhe sozinha ao estábulo e junto com as vacas sofre ao tentar entender que situação era esta que estava vivendo, que ela entendia como uma desgraça e, por isso, sentia muita raiva do fidalgo. Essa ilusão a impedia de ser quem era até a entrada do cavaleiro na taberna. É nesse momento que apresenta a seguinte indagação, “com que direito, acomodado em seu assento, atribuía-lhe um nome que não era o seu e assegurava haver ela nascido na localidade de Toboso?”<sup>47</sup>. Custava-lhe entender o que se passava. Simplesmente um homem entrou na taberna e lhe atribuiu um nome e uma origem que não eram suas, fazendo-a refletir até o mais íntimo do seu inconsciente.

O motivo que causava tanta inquietação é que Maritornes se via como “uma vagabunda sem eira nem beira”<sup>48</sup>, porque não possuía perspectiva de vida, estava estagnada na mesmice que vivia naquela taberna à troca de moradia e comida, esta última em condições subumanas, tamanha era a sua fome e o medo de que lhe roubassem o prato de comida antes que conseguisse se alimentar, diante do sonho ela via a salvação da sua vida.

A personagem começa a entender o que pretende Dom Quixote e desatou a “acusá-lo roubar a sua vida”<sup>49</sup>, não era sua intensão enganá-lo, percebeu o que se passava e podia muito bem rejeitar tantas promessas que recebia até mesmo de modo grosseiro, tendo em vista se tratar de uma pessoa um pouco rude. Maritornes se mantém indecisa porque jamais imaginou que chegaria até ela um homem a realizar inúmeras juras “um profeta louco disposto a convencê-la de que poria ao seu alcance o mundo que ele inventou”<sup>50</sup>. Quando Dom Quixote propõe estar na presença de Dulcineia, oferta à taberneira a chance de embarcar com ele no seu mundo de aventuras e ser a sua dama e senhora enamorada, seria deixar-se levar pelos devaneios do cavaleiro andante e viver essa fantasia, algo completamente diferente de tudo o que viveu até então.

Ante infinitas reflexões, ao pensar o que aconteceria se renunciasse a sua condição de plebeia e aceitasse se tornar “a Dulcineia venerada pelo cavaleiro”<sup>51</sup>, a personagem ainda se questiona: “estarei me tornando o modelo que o fidalgo quer de mim?”<sup>52</sup>. O receio vem acompanhado do medo da submissão que esta transformação também acarreta e Maritornes

---

<sup>46</sup> PIÑON, 2014, p. 53.

<sup>47</sup> PIÑON, 2014, p. 54.

<sup>48</sup> PIÑON, 2014, p. 56.

<sup>49</sup> PIÑON, 2014, p. 57.

<sup>50</sup> PIÑON, 2014, p. 57.

<sup>51</sup> PIÑON, 2014, p. 59.

<sup>52</sup> PIÑON, 2014, p. 60.

continua se questionando, “se aceito ser Dulcineia, quem fica em meu lugar? O que vai ocorrer com Maritornes?”<sup>53</sup>. Assim, aos poucos, esta vai assumindo a personalidade de Dulcineia, percebendo não haver somente subordinação nesta transformação, mas sim, liberdade. Subordinação foi tudo o que ela viveu e que começou a ficar para trás, pois a taberneira principia a “fazer parte do mundo idealizado de Quixote”<sup>54</sup>

O que Nélide Piñon propõe a partir de então é uma potencialização da personagem feminina, que abandona a imagem de um ser frágil e ganha visibilidade e força para tomar as próprias rédeas do seu destino e decidir o que irá fazer de sua vida, deixando de ser submissa às imposições da sociedade que vivia. A noção de potência aqui defendida conversa com a proposta de Peter Pál Pelbart (2003), a de que é preciso:

Avaliar a capacidade dos chamados “excluídos” ou “desfiliados” ou “desconectados” de construir territórios subjetivos a partir das próprias linhas de escape a que são impelidos, ou dos territórios de miséria a que foram relegados, ou da incandescência explosiva em que são capazes de transformar seus fiapos de vida em momentos de desespero coletivo. (PELBART, 2003, p. 37).

Maritornes, sem estudo, sem vida digna, taberneira, se enquadra no rol dos “excluídos” da sociedade, não convive com outras pessoas, apenas com os homens que chegam à taberna e lhe abusam sexualmente, como se isto estivesse naturalmente incluso nos afazeres do seu trabalho. Entretanto, a chegada de Dom Quixote e seu devaneio em chamá-la Dulcineia, serviram como um território de escape para o afloramento da subjetividade por parte da personagem. Mesmo sobrevivendo em um ambiente de profunda miséria, Maritornes se mostrou forte para conduzir sua vida à mudança, mostrando o seu poder de fugir do silenciamento e da sua história por outrem, ao cogitar a possibilidade de se tornar outra mulher Maritornes aceita fundar um novo ciclo.

As decisões e ações de Maritornes se tornam, de acordo com Pelbart (2003), uma força que luta contra a dominação de suas vontades, contra a exploração do seu corpo e, acima de tudo, adquire uma força que “luta contra as formas de assujeitamento, isto é, de submissão da subjetividade”<sup>55</sup>. O que Maritornes faz é lutar contra o assujeitamento que lhe impõem, a submissão da sua vida às condições inumanas que viveu, infligidos a ela por ser entendida como um ser frágil, herança da visão patriarcal de que a mulher não possui força para dominação de quaisquer acontecimento. Contudo, a personagem torna-se senhora sobre suas

---

<sup>53</sup> PIÑON, 2014, p. 64.

<sup>54</sup> PIÑON, 2014, p. 65.

<sup>55</sup> PELBART, 2003, p. 41.

escolhas. E, assim, “Maritornes escolheu a ilusão em detrimento da realidade”<sup>56</sup>, agarrando a liberdade que esta determinação trazia, já estava se inserindo na fantasia do cavaleiro e não queria mais que a extraíssem daquele instante, para ela o que valia era o livre-arbítrio dessa pobreza. E, a partir de então, ela “passaria a ser uma mulher continuamente inventada pelo cavaleiro, que lhe forneceria o sentimento da imortalidade”<sup>57</sup>. A antiga taberneira se apropria da oportunidade viver uma nova vida a partir da criação de outra mulher, deixaria Maritornes para trás junto com todas as dificuldades que aquela vida lhe implicou e passaria a viver em uma fantasia eterna e imortal, a vida de Dulcineia, que completaria a existência do cavaleiro de La Mancha, bem com daria impulso a sua existência. A insurreição de Maritornes ocorre, justamente, segundo Pelbart (2003), porque:

Ao lado da dominação, há sempre a insubordinação. [...] É simplesmente lá onde as pessoas sofrem, ali onde elas são as mais pobres e as mais exploradas; ali onde as linguagens e os sentidos estão mais separados de qualquer poder de ação e onde, no entanto, ele existe; pois tudo isso é a vida e não a morte (PELBART, 2003, p. 43).

A dominação gera sempre a insatisfação. Este sentimento surge como o estopim para a busca, através da potência, que almeja encontrar a libertação das amarras desse poder absoluto. Maritornes não possuía vontades atendidas, era explorada e apreendida àquela vida sem esperança de novas perspectivas de futuro. Ao acharmos que a taberneira é desprovida de poder sobre si mesma, ela se mostra capaz de se desvencilhar das amarras e existir a partir de uma nova vida. Só assim a personagem foi capaz de entender que Dulcineia não existia de verdade, ela estava presente apenas na ilusão do cavaleiro e que, na verdade, se tratava de “um sentimento que, não se destinando a uma criatura palpável, carecia de ossos e medula. Uma fantasia desprovida de corpo”<sup>58</sup>. Maritornes, aceita se tornar esta materialização, este corpo que faltava a Dom Quixote para completar a sua fantasia de ter ao seu lado a sua dama por quem era perdidamente apaixonado.

A ideia de dar voz à personagem feminina se configura através de concepções da própria escritora, quando esta afirma ser “com corpo e memória de mulher que analiso a minha espécie”<sup>59</sup>. É vontade de Nérida Piñon, já consagrada através de uma escrita enriquecedora sobre o feminino, desenvolver ações e decisões para Maritornes, colocando-a

---

<sup>56</sup> PIÑON, 2014, p. 69.

<sup>57</sup> PIÑON, 2014, p. 69.

<sup>58</sup> PIÑON, 2014, p. 68.

<sup>59</sup> PIÑON, 2008, p. 123.



como soberana do seu destino, detentora de razão. A racionalidade da personagem, ao refletir sobre o poder de suas escolhas, permitiu a sua autonomia e liberdade.

A evolução de Maritornes no conto, na releitura da obra de Cervantes, antepõe-se aos comportamentos femininos concebidos pela sociedade passada, em que as mulheres viviam “como se nada lhes pesasse e a existência fosse volátil, sem ardis”<sup>60</sup>, existência na inércia, sem aprovar ou desaprovar as sanções que lhes fossem impostas. A ex-taberneira, portanto, representa a ruptura com este comportamento neutro e age em consonância com o presente, pois:

A memória contemporânea, porém, reabilita a mulher. Essa mulher que, ao longo da fatalidade histórica, conjurou o silêncio, compatibilizou biografia e a geografia do corpo, confiou na psique formada a duras penas, respondeu por um fardo que corresponda a sua vontade. (PIÑON, 2008, p. 138).

Ao (re)configurar Maritornes em seu conto e torná-la contemporânea, retira-a do contexto histórico da mulher silenciada e a representa como dona da sua história e em posse do seu próprio corpo. Acontece que não se trata de uma mudança fácil, é uma luta pesada, mas que no fim corresponde ao ganho de suas vontades e desejos são alcançados.

Ao lado do companheiro, cabe a Maritornes, agora Dulcineia, esquecer os maus-tratos sofridos no decorrer de todo o conflito e passar a viver apenas do auge de sua beleza e da poesia emanada da ilusão do cavaleiro, “carregava a miséria, mas tinha esperança”<sup>61</sup> de poder viver de forma diferente e melhor e se mostrou disposta “a abandonar o ofício de taberneira para converter-se em Dulcineia do Toboso”<sup>62</sup>. Tomada a pulso, a decisão de embarcar na fantasia do cavaleiro e de seu escudeiro Sancho Pança, pela mulher que os segue em direção ao porvir. Ao deixarem a taberna “a luz de fora contrastava com o interior da taberna”<sup>63</sup>, seria a luz da esperança, da liberdade, a luz da renovação, da emancipação e ninguém foi capaz de deter Dulcineia (Maritornes), pois esta já havia injetado em si “a mesma dose de loucura há muito incorporada à dupla”<sup>64</sup> e aquela (Maritornes) não existe mais, seu corpo e sua existência já pertencem à Dulcineia.

E, “embora a mulher mal os conhecesse, entregou-lhes a sorte. Nada viria a ser pior do que aquilo vivido até então, e levava de vantagem ouvir o fidalgo chamando-a de Dulcineia,

---

<sup>60</sup> PIÑON, 2008, p. 137.

<sup>61</sup> PIÑON, 2014, p. 69.

<sup>62</sup> PIÑON, 2008, p. 16.

<sup>63</sup> PIÑON, 2014, p. 70.

<sup>64</sup> PIÑON, 2008, p. 21.

de Toboso, com uma suavidade que desconhecia existir”<sup>65</sup>. Chegou a oportunidade da nova vida, a sorte a levaria aonde fosse preciso e não tinha mais medo, se algo de ruim lhe acontecesse não poderia ser pior que o sofrimento já vivido até então. Só de ter enfrentado a escolha pela incerteza, entregando-se ao destino, Maritornes já estava sendo recompensada ao ser tratada com doçura e suavidade, tratamentos que desconhecia, mas que já lhe agradava, a naturalidade com que se tornou a Dulcineia de Toboso, a mulher idealizada por Dom Quixote, o corpo da sua fantasia que concretizou os seus lúcidos devaneios.

---

<sup>65</sup> PIÑON, 2014, p. 70.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa analisou a personagem feminina Dulcineia, transfigurada e recriada por Nélida Piñon em seu conto homônimo “Dulcineia”, presente no livro *A camisa do marido* (2014). A personagem é atualizada pela escritora a partir da obra do escritor espanhol Miguel de Cervantes, *O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha* (1605), baseado na pouca visibilidade dada a Maritornes e a potência que esta adquire ao se tornar a Dulcineia, dama e senhora da sua existência e de Dom Quixote.

A obra de Cervantes, importante marco histórico-literário, foi publicada pela primeira vez em 1605 e se consolidou como marco inicial do romance moderno. Ao tratar das aventuras de um fidalgo, que de tanto ler novelas de cavalaria, perdeu o juízo e decidiu criar o seu próprio mundo de La Mancha, resolveu abandonar tudo que tinha para sair em viagem, como faziam os verdadeiros cavaleiros andantes, e buscar as mais emblemáticas aventuras. Para isso, precisou de um escudeiro e escolheu o lavrador Sancho Pança, um homem, simples, analfabeto e que adora falar por meio de provérbios. Percebeu, também, que precisava de uma dama por quem pudesse se enamorar e a ela enviar todos os seus feitos e grandes vitórias da cavalaria. Como não amava nenhuma mulher, Dom Quixote idealizou uma imagem feminina, perfeita e inigualável, a quem chamou de Dulcineia d’El Toboso. Montado em Rocinante, não faltava mais nada para viver as suas (a)venturas.

Nélida Piñon, escritora brasileira contemporânea, desde pequena mostrou interesse pela arte das palavras, ao escrever pequenas histórias para vender entre a família. Ganhou destaque na literatura, de forma moderna e inovadora, ao resgatar personagens de obras consagradas e recriá-las em ambientes diferentes e em contextos atuais, como maneira de realizar uma desleitura das obras canônicas, dando maior visibilidade às personagens femininas, valorizando a potência que existe nas mulheres, fugindo do lugar comum que as vê como incapazes de controlar suas forças e suas vontades, ganhando importante subjetivação e profundidade.

Deste modo, partiu-se da concepção de *intertextualidade crítica*, defendida por Leyla Perrone-Moisés (1978), para entendermos como Nélida ressignifica a personagem feminina Dulcineia a partir da obra cervantina, criando uma eficaz conexão com o cânone. Assim, o objetivo foi o de analisar a Dulcineia nelidiana para compreender como ocorre a ressignificação do feminino, a partir do clássico, segundo o mecanismo da *intertextualidade crítica*, para compreender a ficcionalização de Maritornes e, posteriormente, a sua transformação em Dulcineia, buscando sua subjetividade e significação presente nas suas

escolhas e ações. E, ainda, de como toda essa recriação refletiu sobre a mulher real e ideal da obra de Cervantes, quando a escritora brasileira apresenta de maneira tangível a mulher real Maritornes, capaz de se tornar outra mulher, a idealizada por Dom Quixote, essa ação a possibilitou existir de fato.

Realizou-se um estudo hermenêutico da vertente contística auxiliado pelo olhar ensaístico da própria Nélide Piñon, tendo em vista os poucos estudos realizados sobre a escritora, mostrando como Maritornes torna-se dona de si mesma e escolhe abandonar a vida sofrida que tinha na taberna que trabalhava em troca de sobrevivência e que, frequentemente, foi abusada sexualmente pelos homens que por lá passavam. Despedir-se da Maritornes padecida para adentrar uma nova vida com o fidalgo Dom Quixote. Como uma nova mulher, passa a ser Dulcineia de Toboso. Para isso, realizamos uma análise focando na ressignificação da personagem feminina no percurso do fidalgo e a sua disposição em viver as fantasias ao lado de Dom Quixote e Sancho Pança, em um mundo constantemente inventado.

Destarte, espera-se que a pesquisa possa contribuir com novas análises e estudos de obras literárias brasileiras escritas por mulheres, especialmente de Nélide Piñon e seu modo particular de escrita, ressignificando personagens e novas realidades possibilitando, também, um olhar distinto sobre o feminino, não tratado apenas do silenciamento e da invisibilidade, mas, sobretudo apresentando uma visão sobre a força e o poder da mulher.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BARBOSA, Alexandre. **Alguma crítica**. 2ª ed., Cotia, São Paulo: Ateliê editorial, 2007.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: EDUSP, 2003.
- BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**: os livros e a escola do tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CERVANTES, Miguel de. **O engenhoso cavaleiro D. Quixote de La Mancha**, Segundo livro / tradução e notas de Sérgio Molina; apresentação de Maria Augusta da Costa Vieira. São Paulo: Editora 34, 2013 (2ª edição).
- \_\_\_\_\_. **O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha**, Primeiro livro / tradução e notas de Sérgio Molina; apresentação de Maria Augusta da Costa Vieira. São Paulo: Editora 34, 2017 (3ª edição).
- KRISTEVA, Julia. **Semiotiké Recherches pour une semanalyse**. Paris: Du Seuil, Col Tel Quel (Traducción al español: *Semiótica I y II*. (1981). Madrid: Fundamentos.
- LE GOFF, J.; SCHMITT. **Dicionário temático do ocidente medieval**. 2 vols. Bauru: Edusc, 2006.
- OLIVEIRA, Dileane Fagundes de. **(Des)identificações femininas no mosaico de Néida Piñon**. Santa Maria, RS: Universidade Federal de Santa Maria, 2017.
- PELBART, Peter Pál. **Poder sobre a vida, potência da vida**. Lugar comum, 2003.  
Disponível em: <[http://uninomade.net/wp-content/files\\_mf/113003120907Poder%20sobre%20a%20vida%20pot%C3%Aancia%20da%20vida%20-%20Peter%20P%C3%A1l%20Pelbart.pdf](http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120907Poder%20sobre%20a%20vida%20pot%C3%Aancia%20da%20vida%20-%20Peter%20P%C3%A1l%20Pelbart.pdf)>. Acesso em: 09 de novembro de 2018.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **A intertextualidade crítica**. In: Intertextualidades. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Textos, crítica, escritura**. São Paulo: Ática, 1978.
- PIÑON, Néida. **A camisa do marido**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Aprendiz de Homero**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SCHNEIDER, Michel. **Ladrões de palavras**: ensaio sobre o plágio, a psicanálise e o pensamento. Trad. Luiz Fernando P. N. Franco. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

SCHUTZ, Alfred. Dom Quixote e o problema da realidade. Trad. Lima, L. C. In: COSTA LIMA, Luiz. **Teoria da literatura em suas fontes**. V.I, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

VIEIRA, Maria Augusta da Costa. Apresentação. In: CERVANTES, Miguel de. **O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha**, Primeiro livro / tradução e notas de Sérgio Molina; apresentação de Maria Augusta da Costa Vieira. São Paulo: Editora 34, 2017 (3<sup>a</sup> edição).

WALTY, Ivete. **Intertextualidade**. E-Dicionário de termos literários de Carlos Ceia, 2009. Disponível em: < <http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/intertextualidade/> >. Acesso em: 07 de novembro de 2018.